

# *Por que Moisés proibiu a mediunidade?*

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*Por que Moisés proibiu a mediunidade?*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/por-que-mois-es-proibiu-a-mediunidade/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

## **10.10. Por que Moisés Proibiu a Mediunidade?**

Como podemos observar, pelo título sugestivo do pastor: *Por que Moisés proibiu a Mediunidade?* Compreendemos que ele não entendeu direito o conceito de mediunidade, pois esta faculdade é inerente ao ser humano, ou seja, é uma disposição orgânica que se manifesta de diversas formas, tal como a psicofonia, psicografia, audiência, vidência, pneumatofonia, pneumatografia, etc entre os dois planos, entre o material e espiritual. Parece-nos que o pastor não estudou a codificação a contento e não percebeu que não há como Deus proibir, através de Moisés, uma disposição orgânica. Entretanto, vamos conhecer os argumentos do pastor e suas referências. Vejamos:

Quem lê a Bíblia sabe que Moisés tachou a mediunidade de abominação (isto é, nojeira). Disse ele: “Entre ti se **não achará quem... consulte os mortos...**, pois todo aquele que faz tal coisa é **abominação** ao Senhor... O Senhor, teu Deus, te despertará **um profeta** do meio de ti, de teus irmãos, como eu; **a ele ouvireis**” (Dt. 18: 10-12,15. Grifo meu). Neste texto, Moisés não só proíbe a consulta aos mortos, mas também notifica que ao invés da prática mediúnica, os seus patrícios deviam se limitar a ouvir o profeta que estava por vir, isto é, Jesus (At.3:22-23; 7:37). Então Moisés (o instrumento que Deus usou para o estabelecimento do Antigo Testamento), além de predizer o nascimento de Jesus e, conseqüentemente, o advento do Novo Testamento, deixa subentendido que a proibição à mediunidade não era um só um **cerimonial**, fadado a expirar na cruz, como os sacrifícios de animais e outros preceitos veterotestamentários; antes tratava-se de um mandamento **moral** que, por isto mesmo, seria também observado pelo povo de Deus do Novo

Testamento. Mas, segundo Kardec, o porquê das proibições mosaicas à prática da mediunidade, reside no fato de que a consulta aos mortos não estava sendo efetuada com o devido respeito aos mortos; antes era objeto de charlatanismo. Ora, se fosse este o motivo, certamente Deus tão-somente “reglamentaria o assunto para evitar abusos”, como bem observaram os comentaristas da Bíblia de estudo intitulada A Bíblia Vida Nova.

Como já desconfiávamos, o pastor traria novamente o texto de Dt 18,10-12. 15), mas ele esquece de ir até o verso 18 que esclarece que tipo de profeta viria a substituir Moisés e que recorreremos ao ebook [Será que os Profetas previram a vinda de Jesus?](#) Do confrade Paulo Neto que nos esclarece.

### 13) Será um profeta

Deuteronômio: 18,15-18: *“Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos, um profeta como eu em seu meio, e vocês o ouvirão. Foi o que você pediu a Javé seu Deus, no Horeb, no dia da assembleia: 'Não quero continuar ouvindo a voz de Javé meu Deus, nem quero ver mais este fogo terrível, para não morrer'. Javé medisse: 'Eles têm razão. Do meio dos irmãos deles, eu farei surgir para eles um profeta como você. Vou colocar minhas palavras em sua boca, e ele dirá para eles tudo o que eu lhe mandar.’”*

Apesar de só mencionar o versículo 18, achamos por bem transcrever a partir do versículo 15, para que se possa entender melhor esse passo. Considerando que Deus já havia previsto a morte de Moisés, Ele já deixa o povo alertado que fará surgir“ dentre seus irmãos” um profeta como Moisés para o substituir; portanto, não se trata de profecia alguma.

As referências são Mateus 21,11, Lucas 7,16, João 4,19; 6,47 e 7,40, onde se observa que o povo tinha Jesus como um profeta. Ora, se o viam assim, como então o consideram como o próprio Deus em encarnado? (SOBRINHO. P. S. N. 2018, p. 231)

Como podemos observar no contexto (Dt 18,15-18) ignorado pelo pastor, um profeta semelhante a Moisés, que o substituirá, é um dos irmãos deles, presentes àquela geração posterior e não um hiato histórico de séculos para se cumprir em Jesus. Constatamos que o pastor ignora o contexto e atropela mais uma vez a hermenêutica, o contexto e a boa exegese. Entretanto, o objetivo dele é apenas ridicularizar a mediunidade que ele desconhece por completo seu mecanismo de manifestação, sua origem completamente orgânica e natural que não teria lógica alguma se proibir uma disposição orgânica. A proibição de Moisés é justamente acerca da leviandade que outros povos faziam na consulta aos mortos e recomendava que os hebreus não a praticassem, tal qual a necromancia que já esclarecemos como se dava este processo em capítulos anteriores. Vamos adiante na conclusão do pastor a este subtópico.

Vejamos:

O prezado leitor já sabe que este autor procura documentar todas as denúncias aqui efetuadas. E, desta vez não será diferente. Veja, pois, a transcrição abaixo.

“Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo **charlatanismo**, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição **que motivou a proibição** de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente”... (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, capítulo 26, números 9 e 10, página 367, 112ª edição Federação Espírita Brasileira. Grifo meu).

Como já bem argumentamos, o codificador já recebendo críticas a seu tempo no que diz respeito às comunicações dos espíritos, realizada pela Igreja, defendia as comunicações sérias, diferindo-as das comunicações frívolas que acertadamente Moisés as proibiu ao povo hebreu na conquista da terra prometida. Ainda recomendamos o não uso das faculdades mediúnicas para consultas frívolas aos espíritos. Dessa forma, vamos ao contexto de Kardec na obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, citado pelo pastor no capítulo XXVI que trata do tema: *Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes*, item 9 e 10 a tratarem da *Mediunidade gratuita*.  
Vejamos:

9. A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Constituiria, portanto, para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente lícito é, ao seu possuidor, tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de *si próprio* que o explorador dispõe; é do concurso dos

Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa ideia causa instintiva repugnância. **Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão.** (Veja-se: *O livro dos médiuns*, 2ª Parte, cap. XXVIII. *O céu e o inferno*, 1ª Parte, cap. XI.)

**10. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente.** Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.

Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam. (KARDEC. A. 2019d, p. 308-309) (grifo nosso)

Citando o contexto ao fragmento evidenciado pelo pastor, que destacamos, percebemos que o teor deste capítulo do *Evangelho Segundo o Espiritismo* é justamente a oposição de Kardec quando ao uso inescrupuloso da mediunidade como mercadoria, diante de muitos que assim o praticam. O codificador recomenda o uso sério no concurso das curas aos enfermos, de seus males morais e físicos, assim como Jesus e seus apóstolos operavam no período testamentário. Como exemplo, tomaremos a vida de Francisco Cândido Xavier (1910-2002) que utilizou sua mediunidade em prol dos mais necessitados, onde não usufruiu dos direitos autorais das mais de 400 obras que publicou, relegando as mais de 25 milhões de cópias vendidas às instituições de caridade. Este é o conceito de Kardec do uso correto da mediunidade, levando a exemplo do Chico Xavier a ser seguido. Portanto, mais uma “denúncia” do pastor que cai por terra. Passemos agora ao subtópico seguinte.

## CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra é: ***O Espiritismo e as incoerências de um pastor***. O CACP se utilizou da obra do

pastor para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#)) e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.



**Thiago Toscano Ferrari**

Novembro/2021

---

#### **Referências Bibliográficas:**

**Bíblia de Jerusalém**, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília-DF: FEB, 2019d.

SOBRINHO, P. S. N. ***Será que os profetas previram vinda de Jesus?*** Belo Horizonte-MG, 2018,

<https://apologiaespirita.com.br/sera-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus/>